

O ocelote e o rimau-daham

O grande genero Gato (*Felis*) de Linneu e de Cuvier, constitue, nos methodos actuaes, uma das familias mais importantes da ordem dos Mammiferos carnivoros. Esta familia, chamada *Felina*, compõe-se, effectivamente, de especies destinadas por sua organisação a viverem de presa ainda mais exclusivamente do que os Cães. Estes animaes são, de todos os Carnivoros, os que possuem armas mais fortes. Distinguem-se de todos os outros pelos dentes e pelas unhas, e são os unicos que teem quatro molares na maxilla superior e tres na inferior, e além d'isso, em cada uma destas mais seis incisivos e dois enormes caninos. Quando o animal une as maxillas, os angulos de todos os dentes encontram-se e resvalam um sobre o outro como se foram tesouras bem afiadas.

Depois, as maxillas são curtas, solidas e movidas por musculos poderosos. É o desenvolvimento destes musculos e da arcada zygmatica sobre a qual se inserem, que dá á cabeça de todos os Gatos essa largura tão caracteristica, e ao focinho a forma arredondada que toda a gente nota. As

unhas destes animaes não constituem armas menos formidaveis que os dentes: a natureza, por um mecanismo particular, dispol-as de modo que se não podessem gastar nem enfraquecer, como acontece ás dos outros Carnivoros. A phalange angular prende-se por sua face dorsal a um ligamento que a mantem habitualmente levantada, sem que o animal empregue para isso o menor esforço, de sorte que a unha jámais roça pelo solo. Mas quando o animal quer agarrar e rasgar uma presa, contrae os musculos flexores das phalanges e faz sair as suas unhas agudas. Desde o momento que cessa a contracção voluntaria, estas armas levantam-se naturalmente, e escondem-se entre os dedos. Esta disposição, que é exclusivamente propria dos Felinos, designa-se pela expressão *Unhas retracteis*. Os seus dedos são em numero de cinco em os pés dianteiros e de quatro nos trazeiros. As patas são guarnecidas de roletes espessos e elasticos, o que muito contribue para que o andar destes animaes seja brando e silencioso.

Os Felinos são os mais carnivoros de todos os

Mammíferos. Apesar do seu prodigioso vigor e das fortes armas de que são providos, áttacam raras vezes de frente os outros animaes; a manha e a astucia dirigem todos os seus movimentos e presidem a todas as suas accções. Andando sem fazerem ruido, chegam ao lugar onde contam encontrar uma presa; approximam-se, rojando-se, da sua victima, conservam-se silenciosos em observação, sem que nenhum movimento os denuncie, e esperam o momento propicio com uma paciencia incrível; depois, arremessando se de repente, cáem sobre ella, rasgam-na com as agudas unhas, e ali cevam por algumas horas o seu sanguinario appetite. Quando estão saciados, retiram-se para o centro do dominio que escolheram para seu imperio. Ali, adormecem profundamente, e esperam que uma nova necessidade os force a voltar á caça. A vista destes animaes não parece ter um grande alcance; mas vêem tão bem de dia como de noite: a pupilla contrae-se e dilata-se segundo a quantidade de luz. Entre as especies cujos habitos são mais particularmente nocturnos, a papilla, contraindo-se, forma uma fenda vertical; entre as, que, pelo contrario, se pôdem chamar diurnas, a pupilla conserva sempre a forma de um disco. O sentido do ouvido é muitissimo delicado, o que resulta da mobilidade da orelha externa, da grandeza da sua alertura, do desenvolvimento que apresentam a membrana e a cavidade tympanica. Os Gatos percebem sons absolutamente inapreciaveis para nós, e é pelo ruido dos passos da presa que elles se dirigem em sua procura. A pouca extensão do nariz não permite a estes animaes o terem um olfato muito fino. O sentido do gato parece igualmente pouco desenvolvido, talvez por causa das papillas corneas que apresenta a superficie da lingua: assim os felinos mais depressa devoram do que comem. Seguram a presa entre as patas dianteiras e bebem lambendo. Enterriam cuidadosamente os seus excrementos, receiando que o cheiro activo que exhalam denuncie o retiro. O tacto de toda a superficie do corpo é muito sensivel; mas, sobretudo, acha-se desenvolvido nas barbas. A voz nas grandes especies, é um som rouco, muito forte, que muda, nas pequenas, no que nós chamamos *miado* ou *miadura*. O cerebro dos Felinos é pequeno relativamente ao corpo, e não apresenta, sobre cada hemispherio, senão duas rugas longitudinaes. No estado selvagem manifestam uma intelligencia muito mediocre; assim, fallando com propriedade, não os caçam: atacam-nos aberta ou traiçoeiramente. A desconfiança parece ser o signal mais pronunciado do seu caracter, e o que apresenta mais obstaculos quando se pretende domestical-os. Todavia, quando a necessidade os obriga a receber o sustento de mão estranha, o habito acaba por fazel-os confiar no individuo, e leva-os, até, a tornarem-se animaes domesticos. Neste caso, então, desenvolve-se-lhes a intelligencia a ponto de apresentarem resultados completamente inesperados. As femeas geralmente tratam os filhos com muita ternura; os machos, porém, com es-

pecialidade no estado selvagem, são os mais cruéis inimigos da sua progenie. Quem tiver estudado com attenção um gato domestico pôde fazer uma ideia da physionomia, da forma e dos costumes dos outros Felinos. Todos, como este, teem a cabeça redonda, grandes barbas, pescoço espesso, corpo allongado, mas estreito, que pôdem ainda comprimir em caso de necessidade, dedos mui curtos, patas fortes, pouco elevadas, especialmente as anteriores, cauda, em geral, grande e movel. Não ha animaes cujas formas e articulações sejam mais arredondadas, e cujos movimentos sejam mais destros e agradaveis. Andam vagarosamente e com precaução, e dobrando as pernas posteriores appoiam-se mui facilmente sobre ellas e fazem uso dos seus membros, sobretudo das patas dianteiras, com uma destresa e graça admiraveis. A maior parte dos Felinos trepam com muita facilidade; mas a sua carreira não é muito rapida. Estes animaes, geralmente, teem um pello muito macio, e por isso as suas pelles são objecto de um grande commercio em varios paizes.

No que diz respeito a physionomia, forma, costumes, e es'tructura anatomica, poucos grupos naturaes existem em zoologia tão claramente caracterisados como o dos Felinos: assim é mui difficil estabelecer neste grupo divisões genericas. Não obstante, hoje os naturalistas dividem a familia Felina em tres generos: *Gato* propriamente dito (*Felis Lynce (Lynx)*) e *Guepardo (Guepardus ou Cynailurus)*. O primeiro destes generos apresenta todos os caracteres que expoze-mos como proprios da familia dos Felinos. As especies que constituem o segundo distinguem-se exteriormente pela quantidade de pello que se sobrepõe ás orelhas; mas differem dos proprios Gatos pela ausencia do molar anterior. O Guepardo offerece por caracter essencial o não ter as unhas retracteis.

Qualquer destes tres generos comprehende um grande numero de especies, todas ellas mais ou menos importantes, e cuja minuciosa descripção offereceria, certo, ao leitor, grande interesse. O nosso trabalho, porém, já vae longo; pôr hoje limitar-nos-hemos a fallar das duas especies pertencentes ao genero Gato propriamente dito, cujos desenhos acompanham este artigo.

O Ocelote (*Felis pardalis*) chamado tambem *Macaraga* e *Chibiguazu*, parece ser um dos mais sanguinarios animaes do seu genero. Habita na America meridional e particularmente no Paraguay. Tem, pouco mais ou menos, um metro de comprimento e a cauda regula por quarenta centimetros. As pernas são um pouco curtas e o corpo, embora maior que o da raposa, não obsta a que trepe com muita facilidade ás arvores, onde ordinariamente procura guarida quando se vê perseguido. É dotado de grande crueldade, mas corbarde e foge quando desconfia que o querem atacar. Durante o dia dorme nas matas espessas e só de noite sae do seu esconderijo para ir á caça dos passaros, dos macacos e outros pequenos mammíferos. A pelle deste animal é uma das mais

lindas que se conhecem: o fundo cinzento claro com listas muitissimo regulares de um cinzento mais carregado e bordadas de preto; em todo o comprimento do lombo estende-se uma linha igualmente de um cinzento escuro, parallelas com a qual e symetricas se vêem as listas dos lados; e a cauda é tambem guarnecida de aneis desde a raiz até a extremidade. As cores das femeas não são tão vivas nem tão brilhantes como as dos machos, contudo o seu aspecto não é feio.



O Rimau-dahan

O Rimau-dahan (*Felis macrocelis*) é, sobretudo, notavel pela cauda grossa e lanuda, que fez com que Harfield lhe desse o nome de *tigre com cauda de raposa*. Habita nas ilhas de Bornéo e de Sumatra, e apesar de feroz e carnívoro por natureza domestica-se mui facilmente. Este animal tem noventa e sete centímetros de comprimento, não comprehendida a cauda, que conta approximadamente oitenta e seis. A cabeça é pequena em relação ao tamanho do corpo. A pelle umas vezes é de um cinzento claro, outras parda; tem grandes malhas orladas de preto por todo o corpo e no dorso em todo o comprimento dois riscos pretos mui lustrosos. Encontram-se quasi sempre sobre as arvores onde, parece, passam uma grande parte da vida. Sustentam-se mui facilmente.

## MARSELHA

(Continuação)

No decimo sexto seculo, Marselha, fervente catholica, declarou-se pelos duques de Guise, e assignou o acto de união; as suas bandeiras uniram-se ás do duque de Saboia e dos Hespanhoes, auxiliares da Liga. Alguns gentis-homens quizeram pronunciar-se contra esta união; mas o povo, sob o seu primeiro consul Casaulx, saudara o principe, defensor de sua crença e das immunidades municipaes. Contudo alevantaram-se algumas du-

vidas entre o consul Casaulx e o duque de Saboia, sobre os privilegios da cidade; os Marselheses nunca poderam soffrer que uma guarnição offensiva penetrasse dentro dos muros da sua republica, e, quando por surpresa o partido dos gentis-homens se apoderou do mosteiro de S. Victor, Casaulx mandou immediatamente assestar uma quantidade de canhões contra as altas muralhas da abbadia, porque a cidade queria defender os seus direitos e a sua liberdade religiosa. Depois da entrega de Pariz a Henrique IV, Marselha conservava-se ainda a favor da Liga; mas um soldado, por nome Pedro de Libertat, vendeu a cidade ás gentes do rei. Em vão Casaulx, rodeado da sua tropa, percorreu as praças e ruas; um dos soldados da conjuração gritou a Libertat: «Capitão, eis o consul Casaulx.» A estas palavras Libertat corre sobre o seu adversario e atravessa-o com a espada. O infeliz consul succumbio logo aos golpes dos amigos de Libertat. Então, Bernardo, Presidente dos parlamentarios, saio de casa, armado de uma lança, levando um lenço branco em o chapéo, e gritou pelas ruas: «Viva o rei Henrique quarto, nosso legitimo soberano!» Immediatamente se formaram grupos, e Libertat correu a abrir as portas da cidade ao exercito real, que, deste modo, tomou posse de Marselha em nome do Bearnez. Na escada principal da casa da Camara vê-se uma estatua de Libertat, coberto com a sua armadura, tendo a mão sobre o punho da espada.

Marselha gosou sempre de privilegios que lhe foram tirados por Luiz XIV; revoltou-se contra a auctoridade soberana debaixo do mando de Glandevés de Niozelles, e só em 1660 se submetteu. Então o fim das agitações da Fronda e da guerra exterior dava grande energia á realza. Luiz XIV, dirigindo-se aos Pyrenéos para effectuar o seu casamento com a infanta Maria Theresa, percorreu o territorio do meio-dia na qualidade de verdadeiro conquistador e soberano senhor. Fez a sua entrada em Marselha com toda a rudeza da conquista. A velha republica dos condes de Provença, essa rica cidade, cheia de confrarias, congregações e officios, dera demasiadas provas de independencia para não soffrer um dia o castigo. Luiz XIV não quiz entrar pelas portas antigas; fez uma larga brecha na muralha, e entrou armado da cabeça até os pés, como um vencedor que quer humilhar uma cidade vencida. Quando se fez notar ao rei essa multidão de quintas que engrandeciam e embellesavam a cidade dos Phoccos, Luiz XIV exclamou de um modo zombeteiro: «E eu tambem quero ter as minhas quintas!» E fez construir á entrada do porto, sob a invocação de S. João e de S. Nicolau, duas grandes fortalezas, cujos canhões estavam dirigidos contra a cidade, para mantel-a obediente e comprimir o seu espirito municipal. O rei supprimio o consulado e substituiu-o por dois vereadores e um assessor. A submissão da opulenta republica de Marselha foi o fim do systema communal, livre, poderoso, da vasta associação das confrarias.

De todas as cidades de França, Marselha é aquella onde a peste, em diferentes épocas, tem feito mais estragos; a mais memoravel, a mais terrivel, a *grande peste*, fez-se sentir em 1720: foi ali levada por um navio marselhez que chegára de Tripoli e de Chypre. Marselha foi então theatro de scenas as mais horrorosas, e conservou sempre nos seus annaes o nome do bispo de Belzunce e da sublime dedicação deste homem, que por amor do perigo que ameaçava as suas ovelhas vendeu toda a mobilia, deu todo o dinheiro que possuia, e corria as ruas quasi desertas da cidade animando e soccorrendo todos. Esta epidemia cessou em novembro; mas dois annos mais tarde appareceu com um caracter menos violento, é verdade, mas que, todavia não deixou de ser funestissima e de espalhar o terror por toda a Europa, que só passado um anno pode ver aquella cidade tranquilla, e abrir novamente as portas do seu commercio. Desta época em diante, o regimen sanitario, foi submettido a regulamentos severos, e embora o contagio se tenha mostrado doze vezes no Lazareto, de 1741 até nossos dias, com as precauções que se tem tomado, tem sido sempre abafado.

Depois de um tal desastre, Marselha enfraqueceu muitissimo; não obstante, quando a revolução, na qual tomou parte quasi ao mesmo tempo que Pariz, rebentou, a cidade dos Phoceos caminhava já a passos gigantescos para o mais elevado gráo de prosperidade. Sob o imperio, Marselha mostrou-se descontente; o seu commercio diminuiu; só com a restauração readquirio a sua antiga importancia. As reacções de 1815 formam o mais triste quadro da historia desta cidade; havia ali odio contra Napoleão e contra o despotismo imperial: as classes medias, esse povo de marinheiros ajoelhados diante da imagem da Virgem quando a tempestade se fazia ouvir, a multidão fluctuante de Genovezes e de Catalães, tudo isto dava uma força brutal e fanatica aos projectos das assembleas. A insurreição rebentou em 25 de junho. Era um domingo; a população ociosa enchia os templos. De repente espalha-se o boato do desastre de Waterloo; as massas exasperadas percorrem as ruas, chegam tropas do campo. O general Verdier, que governava o departamento, assustado com o gesto ameaçador do povo, deixou Marselha com as suas tropas na noite d'esse mesmo dia, e dirigio-se a Toulon. Começaram então as desordens. A carnificina durou toda a noite e toda a manhã do dia 26. Tudo quanto pertencia ao exercito era perseguido com frenesi e assassinado. Alguns refugiados mamelukos, restos da campanha do Egypto, receberam igualmente a morte; suas mulheres e filhos, sem dó, sem commiseración, foram degolados no porto, para onde estes infelizes haviam fugido, para se occultarem ao furor dos seus verdugos. A maior das victimas foi um homem honrado, intelligente e de grande instrucção: uma notabilidade de Marselha, M. Anglés. Fôra amigo dedicado de Massena, Barras e de muitas summidades da republica e do imperio, e regressara á sua terra natal depois de haver ser-

vido em Italia na qualidade de prefeito militar. Este homem socegado, inoffensivo, foi arrastado para uma cavallariça que ficava por detraz da sua habitação, e ali, trespassado de mil golpes, acabou a sua peregrinação na terra; a mãe da victima ouvia-lhe os gritos.

(Continua)

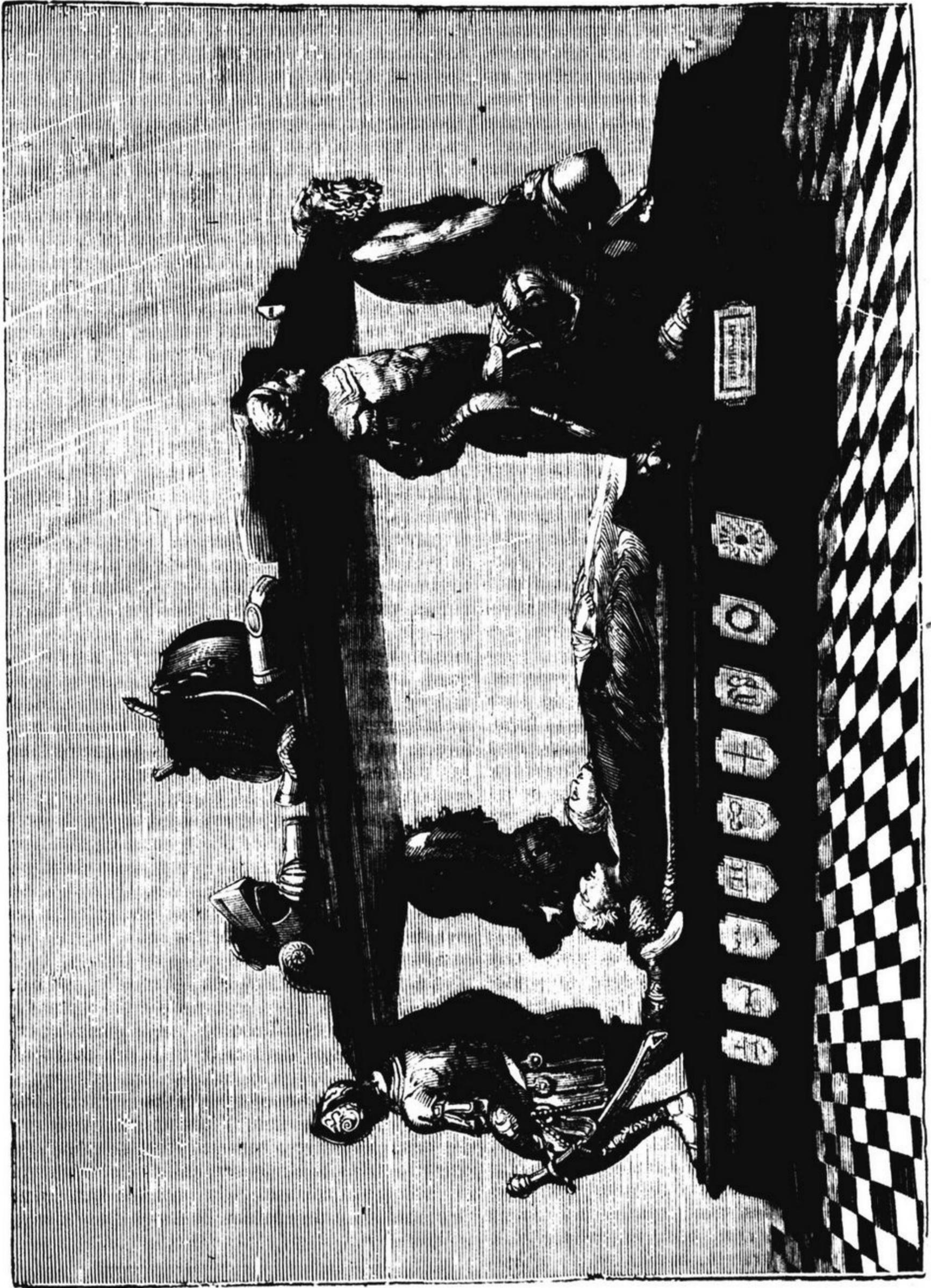
## O TUMULO DE ENGELBERTO

Em todos os tempos e entre todos os povos existio sempre o uso de erigir aos mortos monumentos funéreos; e tambem, em todas as épocas e em todos os lugares, as sepulturas foram sempre cercadas de um grande respeito religioso que fazia considerar a sua violação um dos mais execrandos crimes. Estes factos são seguramente um testemunho incontestavel da crença universal dos homens na immortalidade da alma, e porque, de que serve honrar os mortos, se nada resta d'elles depois que a vida abandona o corpo? Ainda mais; entre muitas nações da antiguidade, como ainda hoje entre as tribus selvagens da America e das ilhas do mar do sul, acreditava-se que os mortos tinham na outra vida os mesmos desejos e os mesmos habitos que na terra. Por consequencia, havia o cuidado de collocar ao lado dos cadaveres os objectos que haviam sido mais queridos dos vivos, e é a este uso que se deve uma grande parte das riquezas archeologicas que encerram os museus da Europa. Depois, nota-se a maior diversidade nos monumentos funéreos, segundo o estado de civilisação, de riqueza e de luxo a que chegaram os paizes onde foram elevados. Em quanto uns são de uma extrema simplicidade e consistem unicamente em um montão de terra ou de pedras elevado sobre o despojo do morto, outros consistem em excavações praticadas no solo ou nos flancos das montanhas. Alguns, emfim, compõem-se de construcções mais ou menos consideraveis, nas quaes a architectura e a esculptura mostram todos os recursos da arte contemporanea, como o que se acha reproduzido na gravura que acompanha este artigo.

Antes, porém, de entrarmos na descripção deste monumento, não achamos muito desacertado dizer alguma cousa com relação aos monumentos funebres antigos.

Ha toda a razão para crer que entre todos os povos as primeiras sepulturas consistiram em simples montinhos de terra ou de pedras, que os archeologos chamam *tumulus*. Existem sepulturas d'este genero em todas as partes da Asia, da Europa e da America. Algumas vezes a base do monte facticio era rodeado de pedras afim de sustentarem a terra. É o que se vê, por exemplo, nos tumulos da planicie de Troia, na Asia menor, que se suppõe terem sido erigidos sobre as ossadas dos heroes da Grecia mythica, Achilles, Patrocles, Ajax, etc. O mesmo succede com alguns dos tumulos dos povos cellicos. Nos paizes occupado, por esta antiga raça, encontram-se ainda em grande numero monumentos funéreos d'esta classe.

Os antiquarios inglezes dão a estes tumulos o nome de *Barrows*; outros archeologos denominam-nos *Galgals*, *Tombelles*, *Buttes*, etc. Ordinariamente tem a forma de um cone, ora truncado, ora arredondado no topo; algumas vezes, porém, o seu plano é o de uma ellipsoide. Estes tumulos encontram-se ou isolados ou em grupos. Os mais pequenos não excedem um metro de altura; os



O tumulo de Engciberto na cathedral de Erédia

maiores attingem trinta metros: tal é o de Tumiac, perto de Sarzeau, que tem trinta e dois metros de altura perpendicular e cento e vinte de redondo.

Suppõe-se que as dimensões d'estes tumulos variavam na razão da importância do personagem sobre os restos do qual foram estabelecidos. Os tumulos circulares não encerram, a maior parte das vezes, mais que um cadaver, o qual occupa o centro da construcção. Os que são allongados, pelo contrario, foram destinados a receber um certo numero. Estes ultimos apresentam algumas vezes galerias subterraneas formadas de grandes pedras brutas e divididas em muitos compartimentos. Estes grupos parece, pois, representarem verdadeiros ossarios, e suppõe-se que foram fundados para nelles se sepultarem os homens mortos em batalha. Entre os tumulos, que pertencem a esta cathegoria citaremos o de Fontenay-le-Marméon, no Calvados. É de forma elliptica e contém dez covas principaes cada uma das quaes conduz a uma serie de compartimentos funéreos. Em todos estes tumulos, a não ser que já de lá os tirassem, encontram-se armas, utensilios e outros objectos que nos dão a conhecer o estado da industria gaulesa nas epochas remotas ás quaes remontam estes monumentos. As populações celticas punham tambem algumas vezes os cadaveres em buracos praticados na rocha, bem como em uma especie de sepulchros formados de lageas e a uma pequena profundidade do solo. Em certas occasiões contentavam-se com o enterrar os mortos em covas pondo-lhes apenas por cima uma pedra simples. Por toda a parte se encontram sepulturas d'este genero, dispersas sem ordem, nas planicies ou nos flancos das collinas.

As sepulturas egypcias eram de tres especies. As que estavam isoladas eram tumulos de terra ou de tijolo, ou pyramides. Sabe-se que as famosas pyramides de Gizeh foram levantadas para servirem de ultima morada aos reis, aos membros de sua familia e aos grandes personagens do estado. Os Hypogeus ou Syringes, consistiam em vastas excavações feitas nos flancos das montanhas: eram, particularmente, usadas no alto Egypto, porque ali o valle do Nilo acha-se bordado de uma serie de rochedos. Muitos destes monumentos foram visitados em nossos dias, e deu-se ali com uma quantidade de objectos que vieram esclarecer muitissimo uma infinidade de pontos da historia pharaonica. Os mais importantes são os do valle chamado em arabe Biban el Moluk, isto é, as Portas dos reis, e onde foram depositados os restos dos soberanos da decima oitava, decima nona e vigesima dynastia. Geralmente estes hypogeus annunciavam-se por uma fachada construida verticalmente no rochedo, mas cuja porta é quasi sempre disfarçada com o maior cuidado. Um ou muitos corredores, alguns cortados por poços profundos, e grandes salas, conduzem á camara funérea ou *camara real*, onde estava o ataude, ordinariamente de granito, basalto ou de alabastro. As paredes da excavação, bem como o tecto,

são cobertos de esculpturas coloridas e de inscrições hieroglyphicas nas quaes o nome do principe defunto é repetido muitas vezes. Estas imagens representam ordinariamente ceremonias funebres, a visita da alma do rei defunto ás principaes divindades, suas offeras a cada uma dellas, a sua apresentação pelo deus que o protegia ao deus supremo do Amentkis ou inferno egypcio, e, enfim, a sua apotheóse. Cousa alguma iguala a grandeza destas obras, a riqueza e a variedade dos seus ornamentos. Estas figuras, ainda que em grandissimo numero, são algumas vezes de tamanho natural; as scenas da vida civil misturam-se quasi sempre com as representações funebres; e vêem-se, ali, igualmente, trabalhos de agricultura e industria, a caça, a pesca, batalhas, danças, moveis de uma riqueza e elegancia admiraveis. Enfim, os tectos, ordinariamente, são revestidos de esculpturas relativas aos phenomenos astronomicos. Os hypogeus dos particulares eram do mesmo modo abertos nos rochedos, e compostos de uma ou de muitas camaras, cujas dimensões e decoraçào variavam segundo a ordem e teres do defunto, e na ultima das quaes se collocava o ataude. Este, geralmente, era de madeira de sycomoro ou de cedro, e sempre de uma só peça, não incluindo a tampa. Além d'isso era ornado, tanto interior como exteriormente, de pinturas que representam habitualmente scenas funebres e por entre as quaes serpêa uma linha de caracteres hieroglyphicos, offerecendo o nome do defunto. Finalmente, á roda do ataude collocavam-se diversas offeras, vasos, figuras, e algumas vezes modelos dos utensilios, instrumentos, etc., destinados a recordar a profissào do morto. Vêem-se tambem quatro vasos, dentro dos quaes estão as visceras do cadaver, que se pozeram de lado, quando se procedeu á operação do embalsamento. São todos iguaes no tamanho e na forma, que é a de um cone; mas as quatro tampas differem entre si e figuram uma cabeça de mulher, uma cabeça de chacal, uma cabeça de gavião e uma cabeça de cynocephalo: é a estes vasos que os antiquarios dão o nome de *Canopos*.

Só os reis e os grandes personagens do imperio tinham sepulturas particulares. Os corpos dos outros egypcios eram collocados em galerias immensas subterraneas, abertas nas rochas, ou construidas de tijolo, e as quaes os Gregos, e depois os modernos, chamaram *Necropolis*, isto é cidades de mortos. Estes necropolis eram compostos de muitos andares distribuidos em pequenas camaras, e parece que cada casta tinha seu necropolo particular. Os Egypcios não se contentavam só com o embalsamar e sepultar os seus mortos; faziam as mesmas honras aos animaes consagrados aos seus deuses, como os ibes, os crocodilos, os gaviões, os bois, as serpentes, etc. As grutas de Samun são celebres pela immensa quantidade de crocodilos e de mumias humanas que contem.

(Continua.)

## UMA CIDADE DE MADEIRA

Em 1386, o rei de França Carlos VI e seus tios resolveram entrar em Inglaterra com um grande exercito. Nesta época, os Ingleses possuíam Calais, Cherbourg e Brest, e d'ali faziam as suas incursões na Picardia, em Cotentino e na Bretanha, roubando sempre, diz o Religioso de S. Diniz, homens, rebanhos e tudo mais que podiam. Tres esquadras se aprestaram para aquelle fim: uma em Treguier e Saint Malo, pelo condestavel de Clisson; outra em Harfleur, pelo almirante João de Vienna, e a terceira na embocadura do Somme, por Saimpy. Ao mesmo tempo, o duque de Borgonha ajuntava em Ecluse um exercito que o proprio rei devia commandar. Este exercito compunha-se, pouco mais ou menos, de cem mil homens, Francezes, Saboianos e Allemães. Os navios, dos quaes muitos foram alugados por enormes sommas aos Hollandezes, á Prussia e á Hespanha, elevavam-se a mil trezentos e oitenta e sete, não contando as frotas da Picardia, Normandia e Bretanha.

As naus, diz M. Puiseux, estavam preparadas com tanta sumptuosidade como se fossem para uma festa. Por toda a parte não se via senão pinturas e brasões d'armas. Nas extremidades dos mastros fluctuavam grandes bandeiras de seda, das quaes algumas eram bordadas a ouro e prata. As velas eram de côres.

O senhor de Tremoille dispendeu só com a pintura da sua nau perto de duzentos contos de reis. A do duque de Borgonha eclipsoava todas as outras. O exterior era todo azul e ouro. Nos mastros viam-se desfraldadas cinco bandeiras immensas com as armas de Borgonha, do Franco-Condado, d'Artois e de Rethel. Havia, além d'isto, quatro pavilhões e tres mil estandartes onde se lia a divisa do duque: «*Il me tarde.*» Esta divisa repetia-se em todas as velas, em letras de ouro rodeadas de margaridas de prata.

Todos os cães do Ecluse estavam apinhoados de gente de todas as condições, para gosarem deste grandioso espectáculo.

Mas a maravilha da expedição, era uma grande cidade de madeira fabricada de antemão nos portos francezes, sob a direcção do condestavel. Era composta de peças que se adaptavam, uniam e separavam facilmente, á vontade. Devia ser conduzida ao lugar do desembarque, montada e armada sobre a praia britannica.

«*Le connétable faisoit faire, ouvrier et charpenter en Bretagne l'enclosure d'une ville; et tout de bon bois et gros, pour asseoir en Angleterre, là où il leur plairoit, quand ils y auroient pris terre, pour les seigneurs loger et retraire de nuit, pour eschiver les périls des réveilllements et pour dormir plus à l'aise et plus assur. Et quand on se délogeroit de une place et on en iroit en une autre, ceste ville estoit tellement ouvrée, ordonnée et charpentée, que on la pouvait défaire par charnières, ainsy que une couronne, et rasseoir membre à membre.*» (FROISSART.).

Esta cidade tinha praças, ruas, becos, mercados, etc. A sua circumferencia da altura de vinte pés, e de tres mil passos de diametro, era ameada e flanqueada de 750 torres, collocadas de doze em doze passos. Podia ali aquartellar-se um exercito numeroso. Esta monstruosa machina formava a carga de setenta e dois navios, que deviam transportal-a dos portos de França a Ecluse e d'aqui para Inglaterra, e custou ao Estado cerca de vinte mil contos de reis. Para acudir ás despesas deste armamento foi necessario lançar sobre o povo impostos taes, que cem annos depois, dizem, ainda o paiz não estava resarcido. Como sempre, o peso caio todo sobre os pobres que, não podendo pagar, viram-se obrigados a vender até a palha de suas camas. Muitos d'entre elles para escaparem ao tributo, emigraram para Liège e Hainaut.

Não obstante, o verão de 1386, e o principio do outomno passaram sem que as frotas saíssem de Ecluse. Os viveres tinham-se consummido, as tropas não estavam pagas, e, em Flandres, como em torno dos portos da Picardia, Normandia e Bretanha viviam á discreção.

«*Les pauvres laboureurs, qui avoient recueilli leurs biens et leurs grains, n'en avoient que la paille; leurs viviers estoient peschés, leurs maisons abattues pour faire du feu; et s'ils en parloient, ils estoient battus ou tués. Les Anglais, s'ils fussent arrivés en France, ne pussent point faire plus grande destrucción que les hommes d'armés de France y faisoient.*» (FROISSART.).

O rei Carlos VI, em vez de ir tomar o commando da expedição, celebrava com festas esplendidas, em S. Diniz, o casamento de sua irmã, uma criança de nove annos, com o filho do duque de Berri. Não foi senão em 7 d'agosto que se pôz a caminho, fazendo pequenas jornadas e visitando com vagar Senlis, Amiens e outras cidades da Picardia. Pelo meiado de setembro, ainda estava em Arras. Chegando, enfim, a Ecluse, os chefes do exercito apressavam-no para que desse a ordem de partida. «*Senhor, para que mais delongas? Muita gente se tem arrependido de haver adiado as cousas quando tudo estava prompto para se poder operar.*» O rei, que se deixava em tudo governar por seu tio o duque de Berri, respondia que era necessario esperar por este principe. Mas, o duque, ou por traição, ou por não se querer encontrar com o duque de Borgonha, não apparecia. Correram semanas e mezes e o exercito sempre immovel em Ecluse. Chegou novembro, e com elle medonhas tormentas e chuvas torrencias. As naus despedaçavam-se contra a costa; as munições e bagagens opodreciam na praia.

A grande cidade de madeira deixou de existir. Assaltados pelas tempestades, os navios que a conduziam dispersaram-se. Uns foram engolidos, outros lançados sobre a praia de Calais e sobre a costa d'Inglaterra. Alguns conseguiram chegar a Ecluse, onde o joven rei se entregou ao esteril prazer de mandar armar junto do porto o que

restava da cidade de madeira. O duque de Borgonha ali alojou os seus operarios e artilheiros.

O rei de Inglaterra, por sua parte, fazia trophéo com os restos desta mesma cidade que lhe haviam caído nas mãos. Tres dos navios foram parar a Londres. Ricardo II mandou armar pelos carpinteiros que foram aprisionados, as casas e as torres de madeira, e expol-as em Winchelsea, á triumphante curiosidade dos Inglezes.

A febre da guerra, que um instante havia excitado o fraco cerebro de Carlos VI, diminuiu com a longa espera sob os nevoeiros de Flandres. O projecto de desembarque em Inglaterra foi abandonado, e a gente toda licenciada. Os soldados, retirando do acampamento para se dirigirem a seus lares, deixaram por toda a parte um rasto de desolação e ruina. Alguns destacamentos ficaram para descarregar os navios e pol-os em lugar seguro; mas os Inglezes não lhes deram tempo para isso: arremessaram-se sobre os navios, queimaram uma parte e levaram o resto para os seus portos. Continham immensas munições de guerra e duas mil pipas de vinho, o que, nota o Religioso, os abasteceu por muito tempo desta bebida tão apreciada em toda a Inglaterra.

### TERÇA FEIRA!

(Conclusão)

Velhas mães, tristes esposas,  
Crianças nuas e em choro,  
Brados, fallas lastimosas  
Erguem, num sinistro côro.

Que scena! E redobra o vento,  
E condensa-se a neblina,  
E o mar rebrame violento,  
E a noite a scena domina!

E á luz de algumas fogueiras  
Escassa, rubra, funesta,  
Movem-se sombras, ligeiras,  
Como em diabolica festa.

E ella, a mãe, em desatino,  
Corre, para, escuta, chora,  
Maldiz o poder divino,  
E depois piedade implora!

Os olhos nas sombras fitos  
D'essa noite escura, escura,  
Eleva-os ao ceo afflictos;  
E em vão um astro procura.

E o raio, que as trevas densas  
De quando em quando devassa,  
Mostra-lhe vagas immensas,  
Negros abysmos.. e passa!

Só á luz da madrugada  
Se acalma a brava tormenta:  
Que noite, em ancias passada  
Tão pavorosa! tão lenta!

O ceo reflecte nas aguas  
A côr azul da bonança,  
E vae serenando maguas  
A branda luz da esperança.

—«Barcas ao longe! Não vêdes?  
«Ó que alegria tamanha!  
«Deus abençoou as rédes  
«São as lanchas da companhia.

Crianças, mulheres, velhos,  
Ao ouvirem este grito,  
Todos, todos de joelhos  
Cantam piedoso Bemdito.

Eil-as vem! Braços valentes,  
Affeitos áquella guerra,  
Cortando os mares frementes,  
As impellem para terra.

Na turba dos pescadores  
A mãe com turvado aspecto,  
Inda oppressa de terrores,  
Procura o filho dilecto.

Tudo exulta de alegria,  
Cada qual os seus conhece.  
Ella só, muda, sombria,  
Sobre a praia permanece.

Eil-os emfim! Que transportes!  
Que lagrimas que os esperam!  
Vê-se o choro nos mais fortes  
Dos que no mar não tremeram.

Por entre os grupos vagueia  
A mãe tremula, calada,  
De negros agouros cheia  
De vago pavor tomada.

Quasi em delirio vê tudo  
Como se atravez d'um sonho.  
De repente, um grito agudo  
Sôa na praia medonho.

É que pallido, abatido,  
Junto ao mar o esposo vira;  
É que terrivel sentido,  
N'aquella dôr descobrira.

—«Que negro presagio é este  
«Que leio nos teus olhares?  
«Do meu filho o que fizeste?  
—«Pergunta-o a esses mares.»

No grito que a triste solta,  
Vae-lhe a razão mais que a vida,  
Depois para o mar se volta,  
Torva, pallida, perdida...

«Não! não has-de assim roubar-me  
«O filho d'estas entranhas!  
«Não podem intimidar-me  
«As tuas iras tamanhas!

«Não vês que tenho no seio  
«Este amor? Espera! espera!  
«Ruge! não sinto receio!  
«Ruge! que tens? ruge fera!

«Ruge!» E sem tino, movida,  
Da allucinação que a agita,  
Rompendo em veloz corrida,  
Nas ondas se preeipita.

Em vão lhe accodem, que forte  
O filho ás vagas disputa:  
Era um combate de morte!  
Era uma tremenda lucta.

.....  
E na manhã do outro dia  
Vio-se na praia arrojada  
A mãe que, morta, sorria  
Do filho ao corpo abraçada.

Porto.

JULIO DINIZ.